

LINGUAGENS

COM

FERNANDA
PESSOA

Vénus de Willendorf, hoje também conhecida como Mulher de Willendorf, é uma estátua fêmea pré-histórica feita de calcário ooidal. Foi encontrada em 1908 por um trabalhador de nome Johann Szonert, que trabalhava na equipe do arqueólogo Josef Szombathy, situado perto de Willendorf, na Áustria. Foi esculpida em uma região, e colorida com óxido vermelho. Num estudo publicado em 2010, os investigadores examinaram através de tomografias de raios-X amostras de calcário de Sága de Ala, uma "virtualmente indistinguível" do calcário Vér, matéria-prima vir do sul dos Alpes. Os seus fragmentos continha fragmentos de minúsculos pertencendo ao género Oxytomidae. Esta peça, de 11.5 cm de altura, quando o género agora extinto esta continha igualmente fragmentos bivalves[5]. Em 1990, após uma revisão da análise estratigráfica, foi estimada que a estátua havia sido esculpida há 22 000 ou 24 000 anos. Pouco se sabe sobre o seu significado cultural. A Vénus não pretende ser uma figura realista de uma mulher feminina. A vulva, seios e barriga são extremamente exagerados, e a figura tem uma relação forte com o conceito da fertilidade. As pernas dobraram-se sobre os seios e não têm unhas ou dedos. As mãos estão entrelaçadas em trincas, um tipo de penteado ou nenhuma. O apelido com que ficou conhecida é "Vénus de Willendorf". Pode-se dizer que conseguem ver nesta figura com características de mulheres de Willendorf, Christopher Witcombe, professor na University of Exeter, descreveu a identificação irônica destas figuras com Vénus: "As figuras eram vistas, correntes, na época, sobre o que era na época, sobre as mulheres e sobre o sentido estético". O professor Witcombe descreveu a estátua como a deusa Mãe-Terra (Grande Mãe) da cultura europeia antiga, e a sua corpulência representa um elevado estatuto social num período em que a fertilidade, a imagem podia ser também um sinal de status social.



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

GRAMÁTICA NA PRÁTICA



TEXTO 01

TEMA: “RECURSOS HÍDRICOS NO BRASIL: O QUE FAZER PARA EVITAR A ESCASSEZ”

Maik Araújo

Em 1500 Pero Vaz de Caminha divulgou na sua “Carta de Achamento” a imagem de um Brasil gigante pela própria natureza com “água muitas e infinidas” séculos se passaram e embora a visão difundida por Caminha tenha se perpetuado no imaginário brasileiro a realidade aponta para um cenário oposto a escassez dos recursos hídricos no território. Com base nesse contexto a discussão sobre as motivações para o impasse hídrico no país se torna indispensável para propor um caminho para seu efetivo enfrentamento.

Nesse sentido admite-se que a diminuição da disponibilidade de água no país é amparada no caráter predatório presente nas articulações econômicas brasileiras. Sob esse viés categorizar o Brasil como subdesenvolvido é apenas uma estratégia para justificar o crescimento econômico à qualquer custo. Essa questão, foi estudada pelo economista Celso Furtado no final do século XX e mostra ainda hoje que o descaso com as questões ambientais inclusive com o tratamento conferido ao ecossistema aquático é projetado para atender a necessidade insustentável de enriquecimento de uma minoria detentora de poder que exploram indevidamente os recursos naturais enquanto a outra maioria, fica sujeita as recorrentes crises de abastecimento hidrográfico. Essa situação anômica de tão grave já foi relatada em diversas obras do acervo nacional como em O Quinze de Rachel de Queiroz e Vidas Secas de Graciliano Ramos onde em um enredo ficcional de constante diálogo com a realidade evidencia-se o cotidiano miserável daqueles afastados de um bem essencial à vida: a água.

Ademais pontua-se que a escassez hidrica é potencializada pela má administração da estrutura ambiental nacional. Isso ocorre porque o patrimonialismo ou seja a apropriação dos mecanismos públicos para a satisfação de fins particulares é contrário ao projeto coletivo de desenvolvimento sustentável. Essa teoria estudada pelo historiador Raymundo Faoro explica o proposital desinteresse político na preservação das reservas hídricas em um país historicamente reconhecido por seu papel de fornecedor de matéria-prima e não por um espaço destinado, ao progresso integral do seu próprio povo. Com isso apresenta-se o paradoxo de um território que ao manter suas raízes exploratórias consegue destaque entre as 20 maiores economias globais segundo o FMI mas que por não aliar esse crescimento ao desenvolvimento sustentável e restringir o acesso à água pela população amarga a 87ª posição no ranking de IDH.

Portanto ao entender o estresse hidrológico como entrave para a soberania nacional é preciso direcionar esforço para sua superação. Assim é fundamental que o poder executivo federal mais especificamente o Ministério do Meio Ambiente coordene dispositivos legais para frear o uso irracional das águas. Tal ação, ocorrerá por meio do Programa Nacional de Fortalecimento Hídrico cujo incrementará a atuação dos órgãos responsáveis pela fiscalização de atividades potencialmente prejudiciais à disponibilidade hídrica além de determinar limites de uso livres de desperdício. Isso será feito a fim de romper com o ciclo de apropriação insustentável das águas e desse modo distanciar o Brasil do cenário de escassez. Afinal é chegada a hora de repensar a suposta inegociabilidade idealizada por Caminha e tratar a natureza com responsabilidade.



Erros mais comuns





Estamos juntos nessa!



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.